

O Continente da anarquia

RAUL PILLA

COMENTANDO o frustrado golpe de Estado do Panamá, um dos nossos grandes matutinos alude ao que chama «o drama da instabilidade da América do Sul e da América Central».

Ora, aí está um paradoxo, que demanda cuidadosa análise. Esta América Latina tão irrequieta, é geralmente presidencialista. Isto é, adotou o sistema político, cujos apolo-gistas o pontam como o da estabilidade, em contraposição ao parlamentar, ao qual se ir-roga por máximo defeito a ins-tabilidade governativa. E, não obstante, é a América o con-tinente da instabilidade política. Quase não há semana e seguramente não passa mês, em que não se tenha notícia de um motim, revolução, ou golpe de Estado.

Não faltam nunca, para o fe-nômeno, graves, porém vagas explicações sociológicas: a raça, o clima, a fauna, a flora, a for-mação telúrica e quejandas. Claro, ninguém conseguiu ja-mais estabelecer um nexos entre tais condições e as frequentes ditaduras e revoluções do Con-tinente, mas, apesar disto, acei-ta-se a doutrina como cientifi-camente estabelecida.

E' uma explicação cômoda. Se é de uma fatalidade geo-gráfica que se trata e a Améri-ca Latina não pode deixar de ser o que é, dispensados fica-remos todos de maiores esfor-ços e justificados estarão todos os caudilhos, que têm exerci-do ou disputado o poder.

Felizmente, porém, o homem latino-americano, com todos os seus defeitos, não deixa de ser homem e de obedecer às mes-mas leis gerais da psicologia humana. E, como os demais, também pode ser educado ou pervertido.

Ora, o que ocorreu na Amé-rica Latina foi, justamente, uma perversão política. O sis-tema constitucional adotado, quando se produziu a indepen-dência das nações do Conti-nente, foi o que, em vez de corrigir a nativa formação cau-dilhesca, a legitimou e perpetuou. Se o nosso é, ainda hoje, na frase pessimista de Bolívar, o Continente da Anarquia, de-ve-se ao regime político que, pretendendo a estabilidade do govêrno, de fato estabeleceu o govêrno pessoal, com tôdas as degenerações e a instabilida-de que êste acarreta. Temo-nos educado na ditadura e nos es-pantamos de não saber prati-car a democracia...